

# INVENTÁRIO (Canto de Quasimodo)

(Canto de Quasimodo)

Pensar, pensar é só o que tenho feito.  
Não tem me levado a lugar algum.  
Examino a situação, eu, os outros  
o que somos um para o outro,  
como somos um para o outro  
e mais me confundo.  
Pensar me estacionou, não sei mais andar.

Não me lembro...  
Nem sei se me amo nem sei se amo os outros  
Parece que me acostumei assim com este prego cravado...

Cravado onde? Nos pés que não andam?  
Nas mãos que não tocam?  
Na alma? Será que a tenho?  
Cravado no coração? Estará vivo ainda?  
Cravado nos lábios?  
Minha fala não tem sentido.

Devo partir.  
Disputar com os porcos restos de comida.

E depois serei lembrança, serei saudade?  
E se voltar serei o fracasso, o filho pródigo?  
Receberei amor e festas com canções?  
Alguns serão como o pai da parábola?  
Ou, como o irmão, não me aceitará?

Deixar só mágoas como herança...  
Eu quis ser poeta e não fui, não sou.  
Eu vou perseguir o sonho.

Mas que fiz? Que faço? Sou e fui fracasso!  
Enganei todas as esperanças e crenças! Sempre fui fraco, imundo!  
Com despudor faço essas rimas,  
destalentosa ponte.  
Eu sou tão fraco  
que me envergonho  
por ferir os outros e preferir ser o que sou.  
Meu genitor, coitado, errou o alvo, errou a hora,  
não era este, do cansado sêmen, o espermatozóide,  
trôpego verme, que deveria  
vencer a corrida e fecundar.  
Foi ironia de Deus, foi maldição, uma piada  
do Criador  
Ele pagará!

Em minhas atitudes ficou implícito que eu daria conta de tudo  
e não cumpri  
prometi coisas e não as realizei  
as expectativas... eu deveria ter feito...  
e não fiz.  
Prometi coisas para mim mesmo e não cumpri.

É tempo de acabar a farsa e definitivamente fugir,  
me doem as máscaras e me incomodam os papéis  
que acreditei ser obrigado a fazer  
para agradar.

No entanto, atuo mal e estrago a peça.

Chega de oportunidades, já me deram tantas,  
nunca acerto a deixa, a fala.

Passou a hora de sair do palco.

Porém eu sinto que esta derradeira fala é tão hipócrita,  
nela tudo é concebido para encontrar outros culpados.

Antes que eu desmorone

(um louco ou um poeta, um rato ou um homem)

e nesta derrocada magoe mais

eu caio fora !

e, não importa se covarde ou herói,

miserável ou santo,

há que enfrentar o caleidoscópio a girar em cores perturbantes

ou mergulhar no charco repugnante

que carreguei sempre

Transformado em sapo

do pântano imundo

olhando o céu

e coaxando contra as estrelas!

Aceitar que na vida eu fui,

eu sou

e serei mais um carneiro!

**EU NÃO QUERO!**

**EU NÃO QUERO!**

Quero sofrer, embora rato, embora urubu,

mas, quero sempre me imaginar  
uma águia  
Não aceitar concerto nem aceitar que sou normal.  
Ser normal é me entregar.

O que eu levo?  
Aqui nesta embalagem rota  
e rotulada de coração?  
Levo os meus sonhos, minhas fugas e minha coragem  
Não vêem? Cheguem mais perto,  
examinem mais e encontrarão  
minha alma, minha dor e meu medo!  
Meu pobre ser, trêmulo feto, exposto  
aos holofotes...  
Neste shopping center  
cheio de luzes e movimentos  
onde colocar meus sonhos e meus temores?  
Eu, sensível e feio  
preciso, necessito, quero  
sobreviver.  
Oh! Que me importa saber quem fui, saber quem sou...  
tão imperfeito,  
que o passado (lata de lixo!)  
me fez assim  
o que eu quero é jogar fora  
o sonho, o grito...  
as amarras...  
Não me importa, saber quem fui  
mas quem foram eles!  
Aqueles que me desenharam estas cicatrizes.  
O que me empolga são os horizontes, não as covas.

É a luz que chama!  
A luz! A luz que chamas!  
O que necessito é a coragem de entrar na luz  
e me queimar nela.  
Não quero proteção,  
sair ileso e mais fraco e mais longe.  
Longe e longo como o passado.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/inventario-canto-de-quasimodo>